

A REVITALIZAÇÃO DA AVENIDA SETE DE SETEMBRO: AS POTENCIALIDADES DO NOVO, A CRÍTICA DO PRESENTE

BATALHÃO, André Cavalcante da Silva. Mestre em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pelo Centro Universitário de Araraquara – UNIARA. E-mail: andreunaerp@hotmail.com.

CANELLA, Murilo. Mestrando em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita – UNESP – Campus Araraquara.

MOREIRA, Alex. Doutorando em Ciências Sociais na Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita – UNESP – Campus Araraquara.

RESUMO

Este artigo versa sobre a análise do impacto pontual de uma política pública na cidade de Araraquara: a revitalização da Avenida Sete de Setembro. Porém, a particularidade relaciona-se de modo tensionado e ambivalente com uma miríade de complexos fenômenos. O que se intenta é traçar alguns apontamentos que vão do macro ao micro – a partir da análise teórica de alguns importantes intelectuais acerca da produção e da reprodução do espaço urbano no íterim capitalista –, e também do micro ao macro – por meio da observação direta e da aplicação de um questionário semiestruturado, cujo objetivo é demonstrar as ambivalências que atravessam o tecido social urbano alvo do processo de revitalização. No Centro Comercial de Araraquara a revitalização foi um processo ambivalente, no qual as mudanças estruturais estão presentes no mesmo espaço. Observou-se que uma fragilidade estrutural pode gerar uma barreira não só social, mas também econômica.

PALAVRAS-CHAVE: Revitalização; Produção e reprodução do espaço; Funcionalidade espacial; Ambivalência; Transformação espacial.

THE REVITALIZATION OF SETE DE SETEMBRO AVENUE: THE POTENTIALITIES OF THE NEW, A CRITICISM OF THE PRESENT

ABSTRACT

This paper analyzes the one-off impact of a public policy in the city of Araraquara: the revitalization of Sete de Setembro Avenue. The particularity is related to the tensioned and ambivalent way with a myriad of complex phenomena. Our aim is to make some appointments from macro to micro, based on the theoretical analysis of some important intellectuals on the production and reproduction of urban space in the capitalist system and also from micro to macro - by direct observation and the application of a semi-structured questionnaire, with the aim to demonstrate the ambivalences that cross the social urban fabric aim of the revitalization process. In the Commercial Centre of Araraquara, the revitalization was an ambivalent process, in which structural changes are present in the same space. It was observed that a structural frailty may generate a social and economical barrier.

KEYWORDS: Revitalization; Space production and reproduction; Spacial functionality; Ambivalence; Spacial transformation.

INTRODUÇÃO: PROBLEMÁTICA, OBJETIVOS E MÉTODO

Este artigo intenta compreender e analisar o impacto de uma política pública na cidade de Araraquara: a revitalização da Avenida Sete de Setembro. Constitui-se como uma análise isolada, mas possui, pela dinâmica do capitalismo, um correlato em diversas outras cidades contempladas com a mesma política: transformar as bases físicas de uma determinada área comercial com o objetivo de dinamizar as atividades econômicas locais. Além dessas outras cidades, o processo insere-se em uma dinâmica global que relaciona e interconecta problemas aparentemente díspares. Como foco, deve-se reconhecer que esse processo guarda semelhanças com outros processos análogos, porém há uma caracterização individual (objeto a ser explorado), condicionado pelas particularidades sócio-históricas e geográficas da pontual região.

No que tange aos aspectos metodológicos, este trabalho atenta-se em caracterizar e analisar o impacto de uma política pública no seio social urbano de Araraquara. Contudo, esse seio social, o qual permite um amplo entendimento, restringe-se a uma parcela pontual de moradores do bairro do Carmo, um dos bairros centrais de Araraquara. Mediante essa prévia caracterização, questões de maior densidade figuram na análise. No contexto contemporâneo das Ciências Sociais ganham força cada vez mais análises voltadas tanto ao micro quanto ao macro, tanto ao global quanto ao local – uma lógica de síntese inclusiva (BECK, 2005). Ora, entre esses dois polos não há uma cisão objetiva, mas sim uma complementaridade elementar. Através do incremento quantitativo e qualitativo das relações sociais propiciado pela globalização (processo extremamente ambivalente, disjuntivo e integrador), o local torna-se um ancoradouro de questões globais – sem com isso reduzir a esfera local a um mero simulacro homogêneo da padronização cultural em nível global –, na medida em que as particularidades locais atuam num sentido de diferenciação, no qual não é possível identificar o local como um polo autoconstruído, nem tampouco identificá-lo como uma reprodução dos parâmetros globais. Há nesse ínterim uma complexa dinâmica, cujas possibilidades de

compreensão se incrementam, na medida em que se complexificam as análises e os conhecimentos; estes não se apreendem por sua lógica particular e segmentada, mas sim em sua *contextualização* e em suas propriedades *relacionais* (SIMMEL, 2008; MORIN, 2011).

Na estrutura do presente artigo essas proposições se evidenciam na medida em que o campo teórico exemplifica uma macro visão (o foco da *compreensão* do processo): tentar encontrar, em alguns aspectos estruturais do contemporâneo capitalismo, os caracteres que permitam inferir as causas do processo de produção e reprodução do espaço urbano (cujas consequências e paradoxos são os aspectos mais visíveis) no século XXI. Claro está que esta não é uma visão reducionista, pois opera através de um duplo movimento: por detrás das "grandes" questões "escondem-se" as localidades, com suas cores próprias e seus processos de ressignificação dos padrões globais. A macro visão – o recorte teórico mais amplo, universalista – complementa-se pela micro visão – a compreensão e análise da particularidade que se traduz no processo de revitalização da Avenida Sete de Setembro.

Para aquilatar a análise foram utilizados os métodos de questionário semiestruturado e observação direta (o foco analítico do processo), analisando evidências empíricas, com caráter interindividual, a fim de detectar relações (interferências) no processo de revitalização. No método de questionário aplicado, aspectos geracionais (idade), nível de escolaridade, satisfação com as instalações físicas, tempo e origem do ponto comercial, reclamação associada à infraestrutura e símbolos de identidade tiveram papel complementar no processo de investigação.

Mediante isso, o objetivo proposto é compreender a dinâmica que condiciona a produção e a reprodução do espaço urbano na interconexão de fatores geográficos, econômicos e sociais para, posteriormente, relacioná-los ao projeto de revitalização da Avenida Sete de Setembro, problematizando de forma analítica as ambivalências que nascem a partir desse processo. Evidencia-se,

portanto, um método que parte do todo em direção à parte e, de forma conclusiva, da parte que se conecta ao todo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A cidade é uma heterogeneidade de formas subordinada a um movimento global, no qual as cidades mais antigas se adaptaram, se transformaram com relativa velocidade; as novas já nascem inseridas nessa dinâmica (SANTOS, 2012). As cidades atraem pessoas por um número muito grande de razões. Oferecem tipos de experiência que não podem ser encontrados em nenhum outro lugar, e muitos deles podem ser identificados como fonte de satisfação pessoal (HEIMSTRA; MCFARLING, 1978).

Na transição do feudalismo para o capitalismo, quando as terras pertenciam aos senhores feudais, a cidade aparecia como o lugar do trabalho livre, como uma semente de liberdade, gerando produções históricas e sociais que contribuíram para o desmantelamento do feudalismo. Ela representa a possibilidade do homem livre, da liberdade de escolha – ainda que relativa –, pois os ofícios eram regulamentados pelas corporações e confrarias. As cidades formaram-se graças a um determinado avanço das técnicas de produção agrícola; propiciou a formação de um excedente de produtos alimentares, e com a existência desse excedente, algumas pessoas puderam dedicar-se a outras atividades, sendo a cidade, predominantemente, o lugar de atividades não agrícolas. A cidade renasce (pois já existia antes do feudalismo – as primeiras formam-se por volta de 3500 a.C.) no momento em que se conhece um movimento bastante intenso de trocas, em que a descoberta da América e a intensificação das relações comerciais com a Ásia e a África fizeram crescer as cidades (SANTOS, 2012).

A partir do último quartel do século XX, com a emergência de uma nova dinâmica de relações sociais em nível global, há uma aceleração considerável nas mudanças dos conteúdos socioespaciais das regiões. A substância da região é sua *coerência funcional* (SANTOS, 2008, p.247). No íterim da globalização,

com a crescente e o refinamento das relações quantitativas – as relações qualitativas também passam por esse prisma, porém com uma *tendência* ao afrouxamento, à dissolução e, concomitantemente, à ressignificação –, essa coerência funcional é alvo de um imenso neologismo: a região torna-se um ponto nodal de questões que perpassam e situam-se além do Estado-nação – mais especificamente, processos transnacionais e globais. Dada a dinâmica do capitalismo, estabelecida pelos processos sociais, "[...] a consciência dos moradores urbanos influencia-se pelo ambiente da experiência, do qual nascem as percepções, as leituras simbólicas e as aspirações" (HARVEY, 2005, p.170).

Ainda no mesmo recorte temporal, observamos o aparecimento de novas formas na paisagem urbana, cujos conteúdos comportam as infraestruturas de comunicação e transporte, novos produtos imobiliários, com espaços para acolher empresas, moradores ou atividades culturais e de lazer. A transformação do ambiente construído decorre de alterações na base econômica urbana, e se traduz na mudança das estratégias dos atores responsáveis pela produção urbana, bem como na alteração nas políticas e na forma da gestão urbana (SALGUEIRO, 2006).

Nesse íterim globalizado, os lugares caracterizam-se por suas possibilidades e capacidades de oferecer rentabilidade aos mores da economia capitalista. Há uma extrema funcionalização dos lugares. Passam a ser pensados e concebidos segundo suas virtualidades técnicas e organizacionais. A produtividade do espaço nasce a partir daí, evidenciando uma prática que remete a um conjunto complexo de atividades. Milton Santos (2008) defende que os lugares se distinguem pela diferencial capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos, cuja capacidade é maior ou menor em virtude das condições locais de ordem *técnica* (equipamentos, infraestrutura, acessibilidade) e *organizacional* (leis locais, impostos, relações trabalhistas, tradição laboral). Santos também pontua que tal produtividade pode não ser duradoura, desde que "[...] outro lugar passe a oferecer àqueles produtos melhores vantagens comparativas de localização"

(SANTOS, 2008, p.248).

Analogamente à caracterização substancial de Charles Baudelaire¹ acerca da modernidade – macro processo que engloba e estrutura a produção espacial –, a produtividade espacial carrega consigo o gérmen da efemeridade e da fugacidade. A produção do espaço dissocia-se da pertença inequívoca a uma dada parcela do território; seus efeitos apontam na direção de um anacronismo fabricado, de uma maior funcionalização do espaço em relação a suas virtualidades naturais e de uma constante mobilidade de lugares – o que, por sua vez, dá origem a um processo conflituoso e competitivo entre os distintos lugares.

Os lugares se especializam, em função de suas virtualidades naturais, de sua realidade técnica, de suas vantagens de ordem social. Isso responde à exigência de maior segurança e rentabilidade para capitais obrigados a uma competitividade sempre crescente. Isso conduz a uma marcante heterogeneidade entre as unidades territoriais [...], com uma divisão do trabalho mais profunda e, também, uma vida de relações mais intensa (SANTOS, 2008, p.248).

Milton Santos (2005) pontua que as diferenças entre os lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares, e que o "valor" de cada local depende dos níveis qualitativos e quantitativos dos modos de produção, da maneira como eles se combinam, de tal modo que a organização local da sociedade e do espaço reproduz a ordem internacional. O mesmo autor comede que "os modos de produção tornaram-se concretos sobre uma base territorial historicamente determinada. Desse ponto de vista, as formas espaciais seriam uma linguagem dos modos de produção" (SANTOS, 2005, p.28). Na sua determinação geográfica reforça, dessa maneira, a

especificidade dos lugares. A localização dos homens, das atividades e das coisas no espaço justifica-se tanto pelas necessidades "externas" (modo de produção "puro"), quanto pelas necessidades "internas", representadas essencialmente pela estrutura das procuras e a estrutura das classes, isto é, a formação social propriamente dita (SANTOS, 2005).

David Harvey (2005) afirma que "a cidade é tanto produto como condição dos processos sociais de transformação em andamento, na fase mais recente do capitalismo". Nesse sentido, Harvey chama-nos a atenção para o empreendedorismo urbano como fator de transformação do espaço. Aqui o governo é o agente principal na organização urbana utilizando-se, principalmente, do empreendedorismo, ou seja, os governos buscam assumir o papel de empreendedor no cenário urbano sem abandonar as funções administrativas que lhes cabem.

Faz-se necessário destacar que Estados com características de empreendedores são observáveis em economias capitalistas avançadas desde as décadas 70 e 80. Para o autor, esta mudança (do "administrativismo" para o empreendedorismo) se deu principalmente em função da dificuldade das economias capitalistas decorrentes da recessão de 1973. Nas palavras do autor:

Há uma concordância geral de que a mudança tem a ver com as dificuldades enfrentadas pelas economias capitalistas a partir da recessão de 1973. A desindustrialização, o desemprego disseminado e aparentemente 'estrutural', a austeridade fiscal aos níveis tanto nacional quanto local, tudo isso ligado a uma tendência ascendente do neoconservadorismo e a um apelo muito mais forte [...] à racionalidade do mercado e à privatização, representam o pano de fundo para entender por que tantos governos urbanos, muitas vezes de crenças políticas diversas e dotados de

¹"A modernidade é o transitório, o efêmero, o contingente, é a metade da arte, sendo a outra metade o eterno e o imutável" (BAUDELAIRE, 2007, p.26).

poderes legais e políticos muito diferentes, adotaram todos uma direção muito parecida (HARVEY, 2005, p.168).

Dando continuidade, o autor chama-nos a atenção para o fato de que "o investimento assume cada vez mais a forma de negociação entre o capital financeiro internacional e os poderes locais" (HARVEY, 2005). Nesses moldes, as ações acontecem principalmente a partir de conselhos locais, inaugurando uma parceria público-privada. Portanto, esse novo empreendedorismo, que possui na parceria público-privada sua base, buscará incentivar a iniciativa tradicional local a se integrar aos poderes governamentais locais para que, juntos, possam canalizar e atrair fontes externas de financiamento e novos investimentos diretos ou novas fontes de emprego (HARVEY, 2005).

Uma vez que o setor público assume os riscos dos empreendimentos, principalmente os riscos relacionados à infraestrutura, caem os custos de mudança do capital multinacional e, conseqüentemente, cresce a mobilidades deste capital, aumentando a flexibilidade geográfica. A possibilidade de migração do capital faz com que surjam concorrências entre as cidades que deve ser regulamentada; no entanto, esta regulamentação expõe os pontos fracos do movimento de assunção do Estado do papel de empreendedor, abrindo brechas para a seguinte dicotomia: o Estado possuidor da função de regulamentação (neste caso da concorrência) e ao mesmo tempo sendo – o próprio Estado – um empreendedor capitalista.

Os fluxos de capitais transnacionais, objetivados nas empresas transnacionais, migram de um polo a outro. Daí depreendemos o neologismo do Estado-nação (BECK, 2011; SASSEN, 2010, 2007): ele não mais é a origem definitiva das formas sociais. Num mundo transfronteiriço, as barreiras e fronteiras tecidas ao longo da modernidade perdem seu solo histórico. O Estado é obrigado a lidar com novas dinâmicas, para as quais suas antigas armas já não possuem nenhuma característica belicosa – antes, são meros joguetes que buscam atenuar as drásticas e austeras

conseqüências humanas desse macro processo.

Na medida em que as possibilidades dos lugares são hoje mais facilmente conhecidas à escala do mundo, sua escolha para o exercício dessa ou daquela atividade torna-se mais precisa. Disso, aliás, depende o sucesso dos empresários. É desse modo que os lugares se tornam competitivos. O dogma da competitividade não se impõe apenas à economia, mas, também, à geografia (SANTOS, 2008, p.249).

Empresas multinacionais procuram a oferta de lugares disponíveis. Porém, o "disponível" não se refere unicamente às virtualidades naturais de uma dada região. Refere-se, por sua vez, a um complexo de virtualidades e possibilidades técnicas e organizacionais. Dirige-se à concatenação de políticas fiscais, à doação dos suportes físicos, a acordos unilaterais. Do ponto de vista privado é claro o papel da liberdade: as empresas multinacionais dispõem do globo, e se utilizam ao máximo dessa possibilidade. Na perspectiva do Estado, a questão muda de foco. À integração que as empresas oferecem (disponibilidade de empregos) correspondem inúmeros fatores contrários – os quais, por sua vez, se configuram segundo uma dinâmica global: a ininterrupta procura por mão-de-obra barata, a obsolescência de contratos facilmente revogáveis, etc. As empresas atendem a uma demanda local na medida em que essa localidade integra seus preceitos; finda ou cindida essa *reciprocidade desproporcional*, os fluxos de capital personificados nessas empresas migram para outro polo, com vantagens e virtualidades técnicas e organizacionais maiores. Com isso, o impacto primevo das multinacionais, tecido sempre com vívidas cores mediante a prosperidade econômica, dá lugar a um pesado ônus social: os recursos necessários ao Estado para lidar com essa dinâmica catastrófica não foram pagos pela liberdade do capital. À isenção fiscal das grandes empresas corresponde a ineficiência das políticas públicas, a quebra das solidariedades e trato austero das questões sociais.

A presença, em pontos espalhados ou concentrados do espaço, de firmas monopolistas ou transnacionais com vocação a utilizar todo o território orienta a escolha desses capitais dormentes, qualificando os espaços nacionais à imagem dos seus interesses próprios, porque essas empresas dispõem da força política para impor o que hoje se chama de modernização do território (SANTOS, 2008, p.252).

No que diz respeito à unicidade das técnicas, através dessa migração ininterrupta e com a competitividade dos lugares, há a estandardização e a banalização das paisagens culturais. A arquitetura é um exemplo clássico: "[...] nos últimos 25 anos, o desenvolvimento metropolitano nos países subdesenvolvidos é testemunha da vitória da civilização universal sobre a cultura localmente modelada." (FRAMPTON *apud* SANTOS, 2008, p.250). Além da homogeneização, a arquitetura também guarda um conflito latente no que diz respeito ao tempo. A essa nova dinâmica da urbanização se soma o impulso de modernização: arquitetonicamente, diversos tempos coexistem – um prédio tombado, com todas suas revitalizações, situa-se ao lado de um grande estacionamento, que por sua vez se situa ao lado de uma construção em ruínas, revelando a compreensão, através de tempos desiguais, da complexa dinâmica entre materialidade e objetividade. "Então, a cidade nos traz, através de sua materialidade, que é um dado fundamental da compreensão do espaço, essa presença dos tempos que se foram e que permanecem através das formas e objetos que são também representativos de técnicas" (SANTOS, 2002, p.2).

Claro está que este não é um processo monoperspectivista (BECK, 1999). À padronização cultural correspondem formas de resistência local e de ressignificação local dos padrões globais, incutindo nesse processo uma complexa dinâmica – extremamente ambivalente, marcada por disjunções, descontinuidades e complementaridades.

O processo de mundialização sinaliza a extensão

do capitalismo, sua realização em um plano cada vez mais ampliado espacialmente, sem todavia eliminar contradições na medida em que ao lado da integração dos espaços no sistema mundial há a desintegração e deterioração de outros espaços (CARLOS, 2005, p.29).

As dinâmicas da globalização criam conjunções, disjunções, solidariedades e fragmentações (esse léxico é vário na medida em que se adotam diversas perspectivas: econômica, social, política, geográfica, cultural, etc.). É, em decorrência de sua amplitude e heterogeneidade, um processo polivalente – e, o mais importante, ambivalente. Nessa perspectiva, "[...] o efeito destruturador da tecnologia é tanto mais brutal quanto menos implicado estiver o país em relação às inovações técnicas precedentes" (SANTOS, 2008, p.250). Com isso, é possível ouvir os ecos das dinâmicas dos séculos XVIII e XIX, entre colônia e metrópole, complexificadas quantitativa e qualitativamente. O efeito destruturador e ambivalente advém de que, no seio urbano, para se responder às dinâmicas da *renovação*, as formas sociais se tornam "[...] mais exclusivas, mais endurecidas, material e funcionalmente, mais rígidas tanto do ponto de vista das técnicas implicadas como de sua localização. Passamos de uma cidade plástica a uma cidade rígida" (SANTOS, 2008, p.251). As dinâmicas do capitalismo, além de estruturarem diversas formas de intercâmbio e de co-determinação das esferas culturais, políticas e sociais, atuam nessa cisão geográfica em termos de um endurecimento funcional da cidade:

O endurecimento da cidade é paralelo à ampliação da intencionalidade na produção dos lugares, atribuindo-lhes valores específicos e mais precisos, diante dos usos preestabelecidos. Esses lugares, que transmitem valor às atividades que aí se localizam, dão margem a uma nova modalidade de criação de escassez, e a uma nova segregação. Esse é o resultado final do exercício combinado da ciência e da técnica e do capital e

do poder, na produção da cidade (SANTOS, 2008, p.251).

Esse endurecimento se dá na medida em que a estruturação do espaço urbano ascende a uma significação puramente quantitativa. Ana Fani Alessandri Carlos (2005) pontua que o capitalismo dá outras cores e formas ao espaço urbano; antes de prescindir do espaço, ele o ressignifica. A urbanização realiza-se segundo um processo de produção espacial. Por trás dessa produção se estrutura a **reprodução** do capital financeiro, acentuadamente caracterizado pelo mercado imobiliário. O capital financeiro realiza-se no espaço urbano mediante uma autotransformação: migra do setor industrial ao setor imobiliário. Percebemos aí uma dinâmica em nível global que, além de homogeneizar, também fragmenta, dissocia e ressignifica o espaço urbano local.

Assim, o capital financeiro, para realizar-se hoje, o faz através do espaço, isto é, produzindo o espaço enquanto exigência da acumulação continuada sob novas modalidades, articuladas ao plano mundial. Mas esse movimento se realiza aprofundando contradições; o processo de reprodução continuada do espaço metropolitano coloca em questão o plano do habitar decorrente das novas exigências da reprodução das frações de capital na metrópole e de uma nova relação entre Estado-espaço (CARLOS, 2005, p.32).

Depreendemos que a lógica e a gerência do espaço urbano passam por uma reestruturação quantitativa. Sobretudo no que diz respeito às grandes metrópoles, há a configuração das *ciudades dos negócios*, revelando uma profunda cisão funcional no seio urbano. Quando a sociedade redistribui suas funções ela altera, paralelamente, o conteúdo de todos os lugares, pois são as funções que pertencem à sociedade como um todo, e mediante as quais se exercitam os processos sociais, assegurando a relação entre todos os lugares e a totalidade social (SANTOS, 2005). À guisa de exemplo, numa cisão ainda mais radical, Saskia Sassen

(2007) remete-nos às ruas globais, como a Avenida Paulista, em São Paulo: ruas cuja estruturação se dá em função de normatividades econômicas transfronteiriças, transnacionais e globais. Com isso, no seio urbano contemporâneo, o processo de produção do espaço urbano "realiza-se aprofundando a contradição entre extensão do valor de troca no espaço e a possibilidade de realização da metrópole enquanto valor de uso [...]" (CARLOS, 2005, p.33). Com a mudança dos usos e das funções dos lugares, há, inexoravelmente, o câmbio da vida cotidiana: a paulatina cisão e ressignificação dos laços tradicionais de pertença a determinada região; a "expulsão" de moradores que não mais se adequam às novas demandas, os processos de *gentrificação* – em suma, há a precarização qualitativa da vida (valor de uso) em função do incremento quantitativo do mercado imobiliário (valor de troca). Ou, num drástico sentido, "[...] a aberrante funcionalização da existência" (LEFEBVRE, 1999, p.27). O modo pela qual se realiza a intervenção do Estado é determinante para a configuração espacial e para a "geografização" das diversas variáveis componentes de uma situação. Ao se limitar à ação estrita na esfera econômica, o Estado precariza os outros níveis da vida social – saúde, educação, lazer e outros – e, inexoravelmente, *administra* esses outros setores segundo a lógica míope do mercado (SANTOS, 2012).

As mutações da paisagem podem ser estruturais ou funcionais. Na cidade, em virtude da divisão territorial do trabalho, também há paisagens funcionalmente distintas. Santos (2012) define que a sociedade urbana é una, mas se dá segundo formas-lugares diferentes (*princípio da diferenciação funcional dos subespaços*). Isso nos permite dizer que "a sociedade não mudou, permaneceu a mesma, mas se dá de acordo com ritmos distintos, segundo os lugares, cada ritmo correspondendo a uma aparência, uma forma de parecer" (SANTOS, 2012, p.76). É o que o autor chama de princípio da variação funcional do mesmo subespaço. Já uma mudança estrutural acontece pela mudança das formas. É uma relação entre a estrutura socioeconômica e a estrutura política, que

promove alterações de velhas formas para adequação às novas funções, considerada uma mudança estrutural (SANTOS, 2012). Figura-se nesse sentido a necessidade da caracterização do fundamento principal de regeneração do corpo central da cidade, trazendo à luz a reificação do ideário de reprodução do capital, para sustentar o conceito de rugosidade.

O envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais; o envelhecimento moral não é tão previsível, muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural. A paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e formas virgens. As primeiras estão abertas a reutilização, que pode até acontecer; as segundas são adrede criadas para novas funções, para receber inovações. As funções que são mais suscetíveis de criar novas formas são: bancos, hipermercados, o Estado, *shopping centers*, etc., além de certas funções públicas. Fora estas, são poucas as funções capazes de criar novas formas, e é, por isso, mais comum o uso das preexistentes por meio de uma readaptação (SANTOS, 2012, p.77).

Santos (2012) define as rugosidades como o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço. As rugosidades nos oferecem um resgate histórico, com fragmentos de uma divisão do trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho. Logo, o espaço-paisagem é o testemunho de um momento, de um dado modo de produção e suas manifestações concretas, o testemunho de um momento do mundo. O mesmo autor complementa que "[...] o espaço é uma forma, uma forma durável, que não se desfaz paralelamente à mudança de processos; ao contrário, alguns processos se adaptam às formas preexistentes enquanto outros criam novas formas para se inserir dentro delas" (SANTOS, 2012, p.173).

A função comercial na área central da cidade de

Araraquara, mais precisamente na Avenida Sete de Setembro (objeto do estudo), foi produto da iniciativa pública, que investiu capital financeiro em infraestrutura para circunscrever um ambiente favorável e delimitado para os comerciantes locais, com a proposta de tornar aquele espaço físico um corredor comercial que facilitasse as relações de troca. Isso se relaciona com o conceito de *novo empreendedorismo*, cujo principal elemento é a noção de parceria público-privada, em que "[...] a iniciativa tradicional local se integra com o uso dos poderes governamentais locais, buscando e atraindo fontes externas de financiamento, e novos investimentos diretos ou novas fontes de emprego" (HARVEY, 2005, p.172).

A criação do Centro Comercial em Araraquara reflete a ideia de que o empreendedorismo urbano e a concorrência interurbana, trazido por David Harvey, enobrece regiões degradadas e orienta os rumos do desenvolvimento capitalista.

A ênfase na criação de um ambiente local favorável para os negócios acentuou a importância da localidade como lugar de regulação concernente à oferta de infraestrutura, às relações trabalhistas, aos controles ambientais e até à política tributária em face do capital internacional (HARVEY, 2005, p.180-181).

Ulrich Beck (1999) teoriza uma "sociologia da globalização", cujos desafios representam a mais recente tentativa de busca de respostas para questões colocadas a todas as gerações. Cada geração deve insistentemente reformular o problema, pois apenas ela poderá descobrir o que ele realmente é – visto que a globalização não versa exclusivamente sobre questões técnicas e econômicas – à frente de grandes empresários e de governos. A importância maior se dá na *forma* como conduzimos nossas vidas. Isso nos traz aos olhos a preocupação com o meio ambiente e a importância dos "serviços" que ele nos presta. A cobertura arbórea, no objeto de estudo proposto, interfere tanto na estética do espaço físico quanto no bem-estar das pessoas que têm contato rotineiro ou

temporário com o local. Essa estrutura biológica é benéfica à saúde física e mental das pessoas. Muitas vezes o meio ambiente é tratado como mero pano de fundo nos projetos urbanos, como artefato necessário (legal) para a reprodução no ambiente urbano, tratado com mera atenção secundária. Costa Ferreira (2004) defende que é necessária uma resolução dos conflitos com o ambiente natural nas sociedades modernas, tanto no ambiente natural quanto no ambiente socialmente construído.

O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DA AVENIDA SETE DE SETEMBRO

No decorrer do ano de 2013, a Avenida Sete de Setembro passou pelo processo de revitalização de sua estrutura física. Situada no bairro do Carmo, a avenida constituiu um dos primeiros corredores comerciais de Araraquara. Devido à antiga estrutura urbana de Araraquara, a avenida era a principal via de acesso à cidade. O comércio caracterizava-se sobretudo pelo predomínio dos estabelecimentos voltados ao setor automobilístico (comércio de peças, oficinas mecânicas etc.), além de outros serviços como hidráulica, autoelétricas e lojas de tecidos. *Grosso modo*, estruturava-se um comércio de ordem tradicional, caracterizado pela empresa familiar – um traço que alia inexoravelmente o trabalho à identidade sociolocal.

A partir da década de 1980 esse quadro passa por paulatinas e grandes mudanças. A duplicação da Rodovia Washington Luís – uma das principais estradas

do interior paulista, e mesmo do Brasil – propiciou a formação de variados eixos de ligação na cidade². De corredor comercial uno a Avenida Sete de Setembro passa a ser uma, entre outras variadas vias de acesso da cidade. Há a complexificação quantitativa do espaço urbano, que por sua vez deriva-se do desenvolvimento e da legitimação das forças produtivas, configuradas a partir de então localmente, transnacionalmente e globalmente – concatenando uma relação em que ao mesmo tempo determina as práticas locais e as ressignifica.

Com essa complexificação das formas a avenida passou, inexoravelmente, também por um neologismo de serviços e funções. A abertura de bares e restaurantes foi um importante ponto dessa mudança, revelando possíveis conjecturas causais. O bairro do Carmo possui como uma de suas características a composição relativamente homogênea de seus habitantes; são, em grande parte, estudantes e idosos (embora esse recorte careça de dados essencialmente quantitativos, essa composição se integra como um retrato facilmente observável). É curioso notar que a faixa etária do público desses bares e restaurantes se relativiza: há notadamente restaurantes "tradicionais", com um público alvo de maior idade, ao passo que outros bares se ocupam de um público relativamente mais jovem. Outro fator de ordem causal é o importante papel de integração econômica que a UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) propicia à cidade³. Pela localização geográfica da universidade, o bairro do Carmo é um espaço

²É necessário nesse ponto compreender o contexto macro estrutural dessa dinâmica. A partir dos anos 1980 imprime-se uma nova dinâmica no capitalismo – marcada por constantes e crônicas crises. Começa-se o processo de transnacionalização dos capitais, a migração de importantes setores da economia para áreas até então periféricas de desenvolvimento. Com isso, há a integração econômica a nível global – embora essa integração, cujo sentido intrínseco é polivalente, signifique em muitos casos desintegração local, fragmentação das formas sociais de vida, fragmentação e funcionalização extremas do espaço urbano etc. No caso aludido, o interior de São Paulo é um importante foco da economia nacional – uma vez que a rodovia Washington Luís é um importantíssimo "escoadouro" da produção econômica brasileira – orientada e estruturada em grande parte por empresas estrangeiras, transnacionais.

³Faz-se necessária outra contextualização. Essa rede de serviços nutrida pela UNESP não se restringe a Araraquara. Espalhada por todo estado de São Paulo, a universidade cria uma densa rede de relações sociais, cujo escopo não se reduz estritamente à esfera econômica.

intermédio entre a universidade e a região central. Oferece alguns vitais serviços à vida estudantil (que não se limitam integralmente à Avenida Sete de Setembro), como supermercados, agências bancárias, farmácias e padarias. Além desses ramos da economia, o setor imobiliário lucra imensamente com essa composição habitacional; casas e quitinetes passam por uma alta demanda e rotatividade. Há uma específica funcionalização do bairro do Carmo por parte dessa parcela de habitantes - embora essa funcionalização não seja um aspecto inequívoco. Além disso, a referência "gastronômica" nutre-se em grande medida dessa composição habitacional.

Feita essa sumária caracterização no que concerne às dinâmicas processuais a nível local, nacional e, na medida do possível, global, cabe formular os aspectos técnicos e físicos da revitalização para, ao final, problematizar as ambivalências e os paradoxos dessa política pública.

A revitalização em si: a estrutura técnica e a nova avenida

Descrever-se-á nesse tópico as mudanças oferecidas pela obra de revitalização da Avenida Sete de Setembro.

A obra foi orçada em torno de oitocentos e cinquenta mil reais, verba proveniente do Ministério do Turismo em conjunto com as finanças do município. Talvez o maior impacto advenha da substituição dos antigos bloquetes (blocos sextavados de cimento) pelo pavimento de asfalto. As calçadas foram remodeladas: incluíram-se um piso tátil (cuja funcionalidade é somente alertar - e não direcionar - os deficientes visuais da proximidade da rua), algumas palmeiras, distribuídas de forma não homogênea ao longo da avenida e canaletas para o escoamento de água. As esquinas foram alargadas, e com o maior espaço físico foram instalados bancos, devidamente protegidos por barras de metal junto à avenida. Junto das esquinas novas lixeiras de metal foram colocadas. Implementaram-se guias rebaixadas para o acesso de cadeirantes ao longo de toda avenida. E no que tange à rua, além da nova pavimentação, novas faixas de

pedestre, pintadas em branco e azul, foram concebidas. E claro, também os postes de iluminação se adequaram ao novo estilo da avenida.

Por uma visão crítica da revitalização

Como todo constructo social, as políticas públicas são alvo de um intenso conflito, tanto no que tange ao seu nascimento, ao seu desenvolvimento, à sua execução e aos seus efeitos no íterim urbano. O projeto de revitalização da Avenida Sete de Setembro teve a orientação legal e especializada necessária ao rigor de um espaço público salutar. Ora, esse é o discurso institucional, vinculado aos meios de comunicação. Basta - para além desse problemático olhar - uma pequena observação para se notar o perfeito contrário no que tange à realidade empírica da avenida, relegando ao segundo plano o conhecimento perito de alguns especialistas do meio urbano. As críticas (cujo significado não é somente o de desconstrução) dividem-se em duas instâncias: uma de viés *técnico* (ainda que faltem conhecimentos estritamente técnicos para tanto) e outra de viés *humano*. Além disso, como explicitado páginas acima, essas críticas se pautam também em um questionário semiestruturado aplicado juntamente de alguns comerciantes da avenida.

A pavimentação é um ponto extremamente problemático. Analisando a questão do ponto de vista do conforto, o pavimento de asfalto não deixa nenhuma conjectura contrária à mostra. Porém, a questão não se resume unicamente a isso. Os blocos sextavados oferecem uma considerável capacidade de absorção de água em suas lacunas, água esta infiltrada no solo. Uma possível causa pode ser inferida a partir daí: com grandes chuvas, a areia que garante a compactação dos bloquetes escoar, e começam a se formar deformidades no solo da avenida. Contudo, um problema facilmente resolvível através de uma periódica assistência técnica. Como a Avenida Sete de Setembro termina na Via Expressa, o nível de água escoado para esse corredor central tende a aumentar - o que por si só é um enorme problema, visto que Araraquara sofre com enchentes nessa via. Também foram instaladas

canaletas de escoamento nas calçadas; por suas medidas reduzidas e pelo nível da rua, é presumível que o escoamento não seja completamente eficaz em dias de elevado índice pluviométrico.

As calçadas também se encaixam nesse quadro. Por mais que se enquadre em todas as normas brasileiras, o espaço reduzido das calçadas dá as costas à frieza dos números delimitados. Mesmo a circulação de pedestres se encontra prejudicada, uma vez que, em diversos pontos da avenida, o desvio de obstáculos é problemático. O piso tátil é outra questão preta de deficiências. Lê-se no site de Araraquara :

O projeto da Avenida Sete de Setembro segue a indicação da Cartilha de Acessibilidade nas calçadas, da Norma Brasileira 9.050, e da cartilha que determina a acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Outra legislação seguida é o decreto 5.296/04, prevendo largura admissível de 1,20m, salvo em determinados trechos onde a distância existente entre os postes e construções são inferiores a esta largura.

O piso tátil não é retilíneo, e em várias partes da avenida encontra-se a frente de postes e árvores, contornando-os. Quando se pensa em acessibilidade talvez a principal ideia que norteie a discussão seja a *facilidade* ao acesso, o que demanda a maior eliminação possível de todo e qualquer obstáculo – problema aliado às pequenas dimensões da calçada.

A arborização da avenida também foi completamente equivocada e falha. As palmeiras plantadas certamente oferecem um afresco visual – e sua funcionalidade se resume a isso, somente. Como se trata de uma avenida com um fluxo contínuo de automóveis, um dos critérios a se pensar na arborização é o nível de absorção de CO₂, bem como o tipo mais resistente de vegetal. No citado projeto, a maioria das palmeiras encontra-se à beira da morte, com galhos ressequidos. O único ponto favorável é a dimensão de tais árvores, cuja altura superior não prejudica as fiações elétricas, bem como suas dimensões subterrâneas não

favorecem o desnivelamento das calçadas proveniente do crescimento de suas raízes.

No que diz respeito aos aspectos humanos (os caracteres citados acima também são humanos, mas distinguem-se pelo trato técnico e quantitativo), um possível ponto positivo é o alargamento das esquinas, juntamente com a instalação de bancos. Abra-se a potencialidade de um espaço maior à sociabilidade – visto que, como as calçadas são insipientes e recheadas de obstáculos, as esquinas alargam-se. É também curioso notar que grande parte dessas esquinas é ocupada comercialmente por bares e restaurantes.

Outro problema liga-se às dimensões do tempo e da memória. Como resultado de conversas e do questionário semiestruturado, constatou-se que há um nexos entre as antigas estruturas físicas da avenida e sua identidade. Claro está que este é um dado subjetivo, pautado em juízos qualitativos, portanto, extremamente relativo. Porém, é uma questão que salta aos olhos na medida em que revela uma necessidade de renovação – um dos princípios elementares do capitalismo, já em ampla medida teorizado por Karl Marx (2000) –, que se choca frontalmente com a resistência cultural e a subjetividade individual. A questão é, portanto, de *como* se olha a problemática: pode-se encará-la como uma perda de identidade propiciada pelas ininterruptas dinâmicas econômicas do capitalismo e, *também*, pode-se encará-la como uma *ressignificação* da antiga identidade – que por sua vez se relativiza, não mais autoconstituindo um local com suas cores próprias nem tampouco um ancoradouro passivo de padrões globais. É indispensável relevar o papel do tempo nesse processo: quer queira-se quer não, e de forma talvez indemonstrável empiricamente, os mais de 50 anos dos antigos bloquetes revelam uma constelação de ligações e intercâmbios entre a objetividade das formas sociais e a subjetividade da vida individual.

Há, como exemplo desse choque, a presença de diversos tempos na avenida, o que não se exemplifica somente pelo processo de revitalização. Percebe-se que a dinâmica da arquitetura é um indicador dessa coexistência temporal: velhas casas no piso superior

coexistem com lojas recém-reformadas no piso inferior, bem como a grande heterogeneidade de formas arquitetônicas entre os prédios. Os ramos do comércio também se tornam heterogêneos (em contrapartida à segmentação do comércio da avenida até meados dos anos 1990, com predominância do comércio de autopeças). Ora, a heterogeneidade dá ensejo a uma constante rotatividade imobiliária da avenida, nutrindo um mercado que, por sua vez, se nutre do esquecimento – ou da ressignificação (trata-se de perspectivas distintas de conhecimento) – das identidades pontuais de cada lugar (pontualidade caracterizada pela identidade de suas estruturas físicas e pelas relações subjetivas que ali se dão).

O processo de revitalização traz uma nova roupagem a uma avenida sustentada por uma arquitetura compósita, dona de diversos tempos que coexistem sob um pano de fundo unificado. Cabe, portanto, pontuar que a revitalização é um processo ambivalente: o positivo e o negativo coabitam um mesmo espaço geográfico. Na medida em que busca, pelo descarte das técnicas antigas, o novo, problemáticamente aplica o processo de modernização⁵ como o principal fulcro funcional da área; porém, através desse novo – que de forma alguma está isento de críticas –, abrem-se novas potencialidades a uma área que, devido aos degradantes efeitos do tempo, aliados a uma gerência municipal deficitária e problemática, se encontrava à beira do anacronismo econômico, traduzido em inércia de formas num mundo cujo principal atributo é a mudança constante de suas estruturas – físicas, econômicas, políticas, geográficas, culturais, etc.

A análise de questionário e suas possíveis inferências

A aplicação do questionário foi feita no dia 29 de maio de 2014, entre 13h30min. e 16 horas. O questionário teve como objetivo agrupar, em seu arquétipo, identificação pessoal, naturalidade, idade, atividade econômica do ponto comercial, tempo de ponto comercial no trecho, aspectos de uso e ocupação do espaço físico, como atividades econômicas desenvolvidas, elementos históricos, arquitetônicos e símbolos de identidade local; impressões marcantes do trecho (se é agradável e confortável); e o processo de revitalização, observando se os elementos do passado (rugosidades) interferem na estrutura do presente. Foram contados, a partir de uma observação direta, a totalidade dos imóveis: dentre eles 71 comerciais, 20 residenciais e cinco desocupados.

Foram considerados três questionários para análise, nos quais o critério utilizado foi o tempo de contato com o trecho, partindo de uma pessoa que iniciou essa experiência num período mais recente, até a que está a um período mais longo no perímetro analisado.

Iniciamos a descrição e análise do primeiro entrevistado, considerado como "A". Ele é do sexo feminino, 28 anos de idade, nível de escolaridade 2.º grau completo, e exerce o cargo de atendente em uma empresa da área de assessoria de esportes. A empresa está no Centro Comercial há cerca de um ano, onde foi o primeiro local a se alocar desde a sua abertura. O entrevistado "A" reside no município vizinho de Américo Brasiliense-SP, a aproximadamente 17 Km de Araraquara. Ele retrata que tem um grau de identificação baixo com o trecho, pois somente se relaciona com o lugar para exercer sua função

⁵Aqui insere-se um ponto que remete à ambivalência de tal processo. A modernização não pode ser tomada como um conceito essencialista: remete, inexoravelmente, a um conjunto de práticas e técnicas, que se mesclam no nível individual e no nível social. Ulrich Beck (2010, p.23) problematiza essa questão no nexo existente entre as micro esferas e as macro esferas da vida social: "*Modernização* significa o salto tecnológico de racionalização e a transformação do trabalho e da organização, englobando para além disto muito mais: a mudança dos caracteres sociais e das biografias padrão, dos estilos e formas de vida, das estruturas de poder e controle, das formas políticas de opressão e participação, das concepções de realidade e das normas cognitivas." É, portanto, um conceito amplo e complexo de *modernização*, que, além dos meandros técnicos, engloba o lado qualitativo da vida social.

profissional, e que não possui nenhum outro propósito ou vínculo com o trecho. Questionado sobre as impressões do prédio em que exerce suas atividades profissionais, o mesmo respondeu que acha a estrutura predial agradável e confortável, e afirma que a localização é favorável à atividade econômica desenvolvida pela empresa. Perguntado se possui alguma reclamação (apenas uma) a dirigir à infraestrutura do Centro Comercial, disse que no seu entendimento a dificuldade de estacionar é a mais emergente e prejudicial para os empresários da área. O entrevistado "A", questionado se utiliza algum equipamento urbano da região, respondeu negativamente, repetindo a fala que só acessa o trecho para trabalhar.

O segundo entrevistado, "B"; é do sexo feminino, tem 21 anos de idade, é estudante do curso superior na Universidade pública da cidade, e exerce o cargo de estagiário em uma empresa cuja atividade econômica é a de comércio de livros usados. A empresa possui quatro anos de permanência na área do Centro Comercial de Araraquara, mas já se estabeleceu em outro local anteriormente. O entrevistado "B" reside nas proximidades do seu local de trabalho, em uma república estudantil, onde está acomodado há cerca de três anos. É natural da cidade de Jales-SP, situada a aproximadamente 313 Km da cidade de Araraquara. Sua identificação com o trecho se limita ao seu local de trabalho, onde desempenha seu papel funcional e direciona suas preocupações profissionais. O mesmo considera o prédio em que está alocada agradável e confortável, mas pondera que a localização não é favorável a sua atividade econômica. Isso é justificado no questionamento feito a ela sobre a infraestrutura do trecho, em que "B" aponta que a dificuldade de parar o carro é uma fragilidade do Centro Comercial, já que os clientes potenciais desistem de frequentar o trecho por não encontrarem vagas para estacionar seus veículos. "B" também respondeu que não utiliza equipamentos urbanos do trecho, mas sim do bairro.

O último questionário possui respostas de um entrevistado do sexo masculino, aqui nominado "C", com 54 anos de idade, com ensino superior completo,

atua como professor e artista, e é proprietário de um ateliê que pertence ao trecho do Centro Comercial. "C" reside em Araraquara há cerca de 44 anos, e se considera natural da cidade. Seu ateliê está estabelecido no Centro Comercial de Araraquara há 12 anos e, antes de desenvolver suas atividades neste local, esteve instalado em outro bairro. "C" relata que também mora no local de trabalho. O prédio no qual "C" está alocado é considerado por ele um espaço agradável e confortável, e também entendido por ele como favorável a sua atividade econômica. Este entrevistado revela forte identidade com o trecho e a região. Evidencia que se relaciona de forma harmônica com os aspectos sociais e arquitetônicos do trecho. Também destaca que sentiu um empobrecimento histórico da área com a retirada dos bloquetes que pavimentavam a rua, substituídos pelo asfalto. Questionado se há alguma reclamação da infraestrutura do Centro Comercial, o mesmo se queixou da fiação aérea. Segundo ele, a estética e o resgate histórico da região ficaram prejudicados. A respeito da utilização dos equipamentos urbanos no trecho, "C" disse que os utiliza, assim como os de toda região.

Dentre os três entrevistados considerados, dois ("A" e "B") são de uma mesma geração (Y). Santos *et. al* (2011) pontuam que essa geração é conhecida como a geração dos resultados, voltada para seus afazeres; é distraída e individualista. Já "C" é pertencente a geração *Baby Boomers*, cujo mesmo autor define como uma geração resistente a mudanças, experimentando períodos de mudança considerável da história recente. Observamos que o aspecto geracional pode ter influenciado na percepção e memória dos entrevistados, e logicamente nas suas respostas. Os aspectos identitários possuem baixo nível pelos entrevistados da primeira geração citada, movimento contrário às considerações e respostas do entrevistado da outra geração. O nível de instrução dos entrevistados também é diferente, o que influencia na flexibilidade interpessoal e emocional, e no nível de altruísmo. Pinho, Fernandes e Falcone (2011) defendem que indivíduos com ensino superior, completo ou incompleto, apresentam níveis mais

elevados de altruísmo e de flexibilidade interpessoal quando comparados com indivíduos com escolaridade média completa – claro está que esta é uma inferência correlacional, o que não representa de forma alguma uma normatividade inequívoca.

A identidade com o trecho também pode estar associada à naturalidade do entrevistado. Embora os três não sejam oriundos do município de Araraquara, o fato de "C" estar estabelecido há um longo período na cidade o leva a desenvolver laços sociais e culturais mais entranhados com a história da cidade do que "A" e "B". "A" e "C" consideram o prédio em que trabalham um local agradável, confortável e favorável a sua atividade econômica, diferente do entendimento de "B", no terceiro item. A resposta negativa de "B", no item citado, mostra que não devem ser esquecidos os fatores socioeconômicos existentes nos Centros Comerciais, principalmente quando se observam os aspectos físicos desses ambientes, que influenciam diretamente no comportamento consumidor (implicações). Nesse caso, a reclamação da infraestrutura feita por "B" foi a mesma de "A", e diferente de "C", mas o prédio de "A" possui estacionamento para os clientes, o que reflete um impacto menor na sua percepção.

A reclamação de "A" e "B", em relação à infraestrutura do trecho, é a mesma: a dificuldade de estacionar veículos. A disposição ambiental na região do trecho deixa faltar esta característica básica, o que resulta numa desconfiança por parte dos comerciantes da área. Os dois entrevistados veem essa defasagem estrutural como uma barreira para o contato social e para o desenvolvimento econômico, inibindo as pessoas de frequentar de maneira regular ou ocasional o Centro Comercial. Podemos reproduzir como um dos resultados desta pesquisa que uma fragilidade física do trecho leva a uma barreira não só social, mas também econômica. Para o fortalecimento das relações de troca no Centro Comercial de Araraquara o poder público e os empresários da região devem compartilhar ideias para que os aspectos físicos da estrutura e de seus componentes possam afetar positivamente o comportamento consumidor das pessoas que

transitam pela área, vigorando o comércio local e oxigenando as relações sociais visivelmente ofegantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revitalização da Avenida Sete de Setembro em Araraquara é uma política pública (cuja realização não se limita ao território citado – é uma prática comum em zonas com aparente declínio comercial e obsolescência dos meios técnicos) que visa dinamizar as relações econômicas. A partir daí pode-se inferir que, mesmo atuando na lógica do capitalismo, a revitalização coloca em xeque as concepções "puras" que norteiam considerável parte do debate acerca do contemporâneo capitalismo. Pelas complexas dinâmicas que norteiam a economia local (que por sua vez liga-se a economia estadual, que liga-se a economia nacional, que liga-se a economia global – o excesso de "quês" é uma forma de ressaltar as infinitas relações que mediam uma complexa teia de solidariedades), pode-se inferir que o "neoliberalismo puro" se torna uma contradição. É claro o papel do Estado, cuja ação se dirige a uma pontual realidade com o objetivo de, através do incremento das relações econômicas, propiciar uma maior integração e desenvolvimento econômico. O que torna a discussão cega é não compreender que, por trás da determinação econômica, outros processos do tecido social ganham forma – de maneira não linear e extremamente ambivalente.

A mudança é sempre um ponto impreciso, cuja caracterização reside justamente nas inúmeras potencialidades que a dinâmica sócio-histórica propicia a todo constructo social. Enquanto revitalização física, é inegável perceber a melhoria em comparação às antigas bases físicas da avenida. Porém, mesmo com o aperfeiçoamento técnico, há ensejo à crítica devido à forma como a obra foi implementada. A vida social é o resultado de embates, avanços e recuos: logo, a dinâmica é sua principal característica. Pode-se concluir, de forma não fatalista e aberta a várias outras interpretações, que a revitalização é um processo *conflituoso*: uma pluralidade de vozes compete, e o consenso não é a extirpação unívoca das negatividades,

mas sim o intento de melhor relacioná-las com as potencialidades positivas.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BECK, Ulrich. **Crônicas desde el mundo de la política interior global**. Barcelona: Paidós, 2011.

_____. **Sociedade de risco: por uma outra modernidade**. São Paulo: Ed. 34, 2010.

_____. **La mirada cosmopolita o la guerra es la paz**. Barcelona: Paidós, 2005.

_____. **O que é globalização**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A reprodução da cidade como "negócio". In: CARLOS, Ana Fanni Alessandri; CARRERAS, Carles (Orgs.). **Urbanização e mundialização: estudos sobre a metrópole**. São Paulo: Contexto, 2005.

COSTA FERREIRA, L. Ideias para uma sociologia da questão ambiental - teoria social, sociologia ambiental e interdisciplinaridade. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 10, 2004. p. 77-89.

HARVEY, David. Do administrativo ao empreendedorismo: a transformação da governança urbana no capitalismo tardio. In: HARVEY, David. **A produção capitalista no espaço**. São Paulo: Annablume, 2005. p. 163-190.

HEIMSTRA, Norman W.; MCFARLING, Leslie H. **Psicologia ambiental**. São Paulo: Edusp, 1978.

LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. **Rumo ao abismo? Ensaio sobre o destino da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

PINHO, Vanessa Dordron de; FERNANDES, Conceição Santos; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira. A influência da idade e da escolaridade sobre a experiência empática de adultos. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v.11, n.2, 2011. p. 456-471.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Oportunidades e transformação na cidade centro. **Revista Portuguesa de Geografia – Finisterra**. Lisboa, v. 61, n. 81, p. 9-32, 2006

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **A natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia**. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. **Por uma Geografia Nova: da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Edusp, 2012.

_____. O tempo nas cidades. **Ciência e Cultura** [online]. 2002, vol.54, n.2, pp. 21-22. Disponível em: http://cienciacultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-672520020002000020&script=sci_arttext. Acesso em: 09 de jun. de 2014.

SANTOS, Cristiane Ferreira dos *et. al.* **O Processo evolutivo entre as gerações X, Y e Baby Boomers**. XIV SemeAd – Seminários em

BATALHÃO et al.

Administração, São Paulo, 2011. Disponível em:
[http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/
resultado/trabalhosPDF/221.pdf](http://www.ead.fea.usp.br/semead/14semead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf). Acesso em: 15 de
jun. de 2014.

SASSEN, Saskia. **Estado, soberanía e
globalización**. Bogotá: Siglo del Hombre

Editores, 2010.

_____. **Los espectros de la globalización**.
Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2007.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da
sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

RECEBIDO EM 24/7/2014

ACEITO EM 7/11/2014